

DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-9>



**Sons de despedida: viagem pelo Médio
Jequitinhonha (MG) nas trilhas do *podcast*
*Sensibilidades Antropológicas*¹**

Valéria de Paula Martins

Quando deixei o vale do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais, depois de anos trabalhando e pesquisando na região, senti que podia escrever minha tese de doutorado ali, naquele momento. Eu estava completamente envolvida por aquele mundo, aquelas pessoas e as vidas delas.

¹ O *podcast* pode ser acessado a partir de diferentes agregadores, como Spotify, Breaker e Pocket Casts. É possível também ouvir os episódios e conhecer mais sobre o projeto no sítio eletrônico Poéticas da Terra <https://poeticasdaterra.org/projetos/sensibilidades-antropologicas/>, em nossa página no Facebook: https://www.facebook.com/sensibilidadesantropologicas/?ref=py_c ou Instagram: <https://www.instagram.com/sensibilidades.antropologicas/>

Sei que era pouquíssimo provável que isso acontecesse com a facilidade que eu imaginava. Mas não pude comprovar: em um mês estaria morando em outro país, para continuar meus estudos, e precisava organizar uma série de papéis, além de descobrir em que endereço, exatamente, iria morar.

Naquele momento em que deixei o Jequitinhonha – mais especificamente a região da calha média do rio, chamada de Médio Jequitinhonha –, eu imaginava que a capa do texto que eu escreveria deveria estar coberta de terra. Pois assim eu me sentia: coberta de terra. E não apenas minha pele, mas meus pensamentos, sentimentos, estavam afetados por modos de vida em que a terra – seus tipos e usos, sua partilha, o que dela nascia ou não nascia... – era um elemento central.

Fiquei seis meses fora, na França, tendo experiências muito diversas daquelas que tivera em campo – como costumamos dizer na Antropologia ao nomear, genericamente, os lugares em que realizamos nossas pesquisas. E a terra foi, lentamente, se despregando de mim. Quando retornei ao Brasil, com a tarefa de escrever o texto que proclamaria o fim daquele período de estudos – a tese de doutorado – tive dificuldade em encontrar sinais dela na minha pele, pensamentos e sentimentos.

Foi preciso encontrá-los, de todo modo, pelo menos na medida suficiente para a apresentação do trabalho a um conjunto de docentes na finalização do doutoramento. Mas a experiência de pesquisa era também muito sensorial, cheia de cores, cheiros, sons... e, com a escrita, não pude mobilizar e compartilhar essas sensibilidades como eu gostaria.

Neste texto, compartilho um pouco do processo de retorno, finalmente, a essa espécie de atmosfera que permeava meu campo. Processo que tem se dado especialmente a partir da realização do podcast Sensibilidades Antropológicas, cujo primeiro episódio foi ao ar em março de 2021, em plena pandemia do covid-19.

Esse processo de retorno, como veremos à frente, configura-se também como uma despedida. E não é por acaso que esta viagem de volta, e ao mesmo tempo partida, se dê por meio de um podcast, portanto a partir de ondas sonoras, e de forma associada a algumas imagens que compartilho a cada episódio. É o que contarei a vocês aqui.

Se quiserem me acompanhar nestes caminhos, não se preocupem em levar bagagens pesadas: uma pequena valise, amparada por corpos e sentidos atentos, e que possa levar algumas peças de roupa leves e multicoloridas, já será suficiente.



Retrato dos pés em campo. Autoria própria.

A estação de onde partimos

Certa vez, conversando com uma amiga sobre a experiência de trabalho e de pesquisa que tive na região do vale do rio Jequitinhonha, ela me disse uma frase de que nunca me esqueci: “*Você não pode morrer com isso*”.²

Eu já havia escrito a dissertação e a tese, todos interlocutórios com quem trabalhei diretamente haviam recebido seus exemplares, os textos tinham sido

² Trabalhei, nos anos de 2002, 2003 e 2004, em uma organização não governamental em toda a bacia hidrográfica do rio – Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha –, atuando como assessora em um programa que buscava conhecer e valorizar as chamadas tradições locais voltadas a brinquedos e brincadeiras diversos, como festas e danças. Em 2007 ingressei no curso de mestrado em Antropologia na Universidade de Brasília e, no início de 2008, estaria de volta à região – em uma localidade que ainda não conhecia – para iniciar a pesquisa à qual me dedicaria nos anos seguintes. Para conhecer os trabalhos produzidos nos cursos de mestrado e doutorado nas imediações do córrego do Machado, ver, respectivamente, Martins 2009 e Martins 2013. A amiga que disse a frase que cito, e a quem agradeço, é Alice Sosnowski.

lidos por algumes docentíes – e quem sabe outras pessoas –, então de alguma forma “não morreria com isso”, mas a frase da minha amiga continuava a ecoar.

Anos antes, ao final da pesquisa, lembro que fui ter uma das últimas conversas em campo com o Sr. Deca, o querido cantador José Maria Rodrigues, tão importante interlocutor para a pesquisa. Eu havia registrado, durante muitas e muitas horas, um número enorme de cantigas que ele cantava, com o violão nos braços, na sala de sua casa na cidade de Araçuaí. E não sabia bem o que fazer com aqueles registros – ou mesmo se deveria fazer algo além de considerá-los no processo de pesquisa e escrita.

Eu dizia a ele mais ou menos assim: “*o senhor gostaria que eu fizesse algo com essas gravações? Produzisse um CD, por exemplo? O que o senhor gostaria que eu fizesse com esse material?*”.

O “material” a que eu me referia, as cantigas e casos associados que ele me contava, eram relativos ao Nove, um rito permeado por danças coletivas musicais e marcado pela poesia cantada. Este ritual é realizado há incontáveis gerações naquela região e reúne pessoas velhas e jovens em encontros noturnos regados à comida e bebida. Em geral, é precedido por orações, comumente Terços³.

Nove é o nome de uma das danças, também chamadas de brincadeiras ou brinquedos de viola, mas como em geral esta é a brincadeira que ocupa boa parte da noite, acaba por nomear o encontro festivo. “*Vamos fazer um brinquedo?*”, dizem as pessoas, ou “*Vamos fazer um Nove?*”.

Na composição das brincadeiras de viola, participam es que querem, mas o canto é conduzido por especialistas: cantadores e cantadeiras. Estas são as pessoas que conhecem destacadamente os brinquedos e seus repertórios. A maioria já é aposentada como trabalhadoras rurais, e alguns mais novos prestam serviços como de pedreiro e faxineira. As cantadeiras e cantadores foram as pessoas com as quais mais convivi no decorrer de minha estadia no Jequitinhonha, e muitos estão presentes em minha vida até hoje, com contato frequente.

3 O Terço é composto por uma sequência de orações: “Pai Nosso” e “Ave Maria”, intercalados pelos chamados Mistérios e por outra pequena oração, “Glória ao Pai”. No início, reza-se o “Credo” e, ao final, a “Salve Rainha”, quando então há o *oferecimento* do Terço a um ou mais santos, proferindo-se o nome deles. Esta oração pode ser feita com o manuseio de um rosário de contas, espécie de colar que na ponta exibe um crucifixo e cujas peças, em geral pequenas esferas – as *contas* –, indicam, cada qual, a reza a ser proferida no momento.

Pois bem, naquele dia na casa do Sr. Deca, ao fazer aquelas perguntas a ele – “*O que o senhor gostaria que eu fizesse?*” –, ele parou um pouco, pensou, e me disse: “*Você sabe o que eu queria, Valéria?*”. Eu fiquei animada, pensando “*que bom, vou poder fazer algo específico para ele e as pessoas vinculadas ao Nove...*”. E então ele me disse algo como: “*Eu queria fazer um Nove para você ver, mas daqueles que tinham lá em minha casa, quando eu era menino*”.

Nesse Nove, segundo ele, estariam presentes como cantadeiras e cantadores grandes nomes locais, a maioria já falecida, de quem eu já ouvira falar bastante... E o Sr. Deca foi então dizendo o nome de cada cantador e cada cantadeira que estariam presentes no Nove, um por um, uma por uma. E continuou: “*Aí a gente ia cantar junto esses noves todos que eu cantei para você*”.

Eu, ainda um pouco espantada, disse, tentando de alguma forma retomar o ponto dos registros que eu tinha em mãos: “*Mas tenho gravado muito mais do que seria possível cantar em um Nove, Sr. Deca*”. E ele prontamente disse: “*Aí a gente fazia outro Nove, e outro Nove, até cantar tudo*”.

Eu não tinha mais o que dizer.

Diante da minha pergunta sobre as gravações de seus cantos, o que ele queria era que eu conhecesse os Noves que ele conheceu muito antes da minha chegada na região e da minha admiração pela beleza daqueles brinquedos. “*Você ia ver o que era Nove...*”, me dizia.

Pensando no desejo do Sr. Deca, considero que o que ele queria é que eu pudesse vivenciar a experiência daqueles antigos Noves tal como ele os havia vivenciado em sua infância e juventude... De certa forma, assim, ele evocava uma questão que costumamos debater na Antropologia: os limites ou as (im)possibilidades de afetação e tradução a partir de uma pesquisa. Supostamente, o desafio é maior quando não pudemos, enquanto pesquisadoras, viver determinada experiência por nós mesmas, como os Noves da infância do Sr. Deca, neste caso. Mas a questão também se coloca mesmo quando estamos todes – pesquisadoras e interlocutories – em um mesmo contexto, vivenciando, pelo menos aparentemente, as mesmas situações.

Na Antropologia, temos buscado, de forma geral, lidar com estas delicadas questões de forma a assumir as limitações de nossa tarefa. Ao mesmo tempo, bus-

cando explicitar como esta tarefa é multifacetada, formada por percepções diversas de algumas pessoas sobre múltiplas percepções de outras pessoas...

Pensando assim, posso considerar que, de certa forma, eu já havia vivenciado aqueles Noves antigos de que falava o Sr. Deca: por meio do contato com ele mesmo, suas lembranças, casos e as percepções que ele compartilhava comigo, além das narrativas de outras/os cantadeiras e cantadores. E já trazia, em minha pequena valise e em meu próprio corpo, outras inúmeras experiências relativas aos Noves em que estivera presente fisicamente e às demais vivências em campo.

Eu havia sido afetada (FAVRET-SAADA, 1990) por aquelas pessoas e pelo que tinha experimentado ali. Ocupei as fileiras na brincadeira do nove, girei e bati os pés no brinquedo do batuque, apreciei sorrisos e cumprimentos nos encontros de olhares nas danças. Silenciei nos momentos de oração, encontrei o repertório das cantigas no cotidiano da vida: as plantas, relações de parentesco, trabalho, desavenças, desamores e amores. Fui recebida nas casas, tomei cafés, comi biscoitos de goma saindo quentes do forno de barro... Ouvi e vi pessoas se emocionarem e se alegrarem, me emocionei e me alegrei.

Relembrando a frase da minha amiga, me parece que era dessa vivência que ela falava quando me disse que eu não poderia *“morrer com isso”*.

E nesse olhar retrospectivo que tenho agora, percebo que apesar de ter tornado públicos dois longos textos sobre a pesquisa, a dissertação e a tese, poderia ainda contar mais coisas ou, talvez, poderia contar as coisas de outros modos. De modos mais próximos das experiências múltiplas que tive, que rememoro e reconstruo, e das formas sensíveis de estar ali presente, por meio da atenção aos sons, cheiros, cores, sabores...

Seguindo nossa viagem, vou contar mais detalhadamente a vocês, na próxima estação, como tenho revisitado e recriado as experiências de campo a partir da realização do podcast Sensibilidades Antropológicas. Com o rosto pousado na janela do trem, vejo passar a paisagem e me pego pensando que talvez o podcast seja um modo um pouco inesperado de “fazer algo” com o “material” e o imaterial que tanto recebi do Sr. Deca e de todas as pessoas que me recepcionaram nas bandas do Médio Jequitinhonha.

Sensibilidades Antropológicas

Com a pandemia que assola o mundo desde o princípio de 2020, e a pausa brusca que tivemos no ritmo cotidiano, pelo menos naquele momento inicial, me vi com alguns projetos interrompidos. Isso, de certa forma, abriu espaço para que outros, mais compatíveis com as condições impostas pelo vírus, pudessem se delinear.

Foi nesse contexto que, despreziosamente, fiz a gravação de um texto literário que há tempos tinha vontade de compartilhar com algumas pessoas, e enviei então para algumas amigas e amigos. Gostei da experiência de gravar e partilhar, recebi apreciações muito delicadas e bonitas, e resolvi continuar com aquelas gravações.

Apesar de ser graduada em Comunicação Social e ter, portanto, alguma familiaridade com registros e montagens em áudio, havia muito tempo que não lidava com esses processos. De toda forma, o confinamento nas casas, o distanciamento físico e uma certa atmosfera de solidão e temor me pareceram compatíveis com os registros em áudio e o compartilhamento e difusão, por meio deles, de textos poéticos que tratassem de temáticas evocadas pela pandemia. Seria um modo, talvez, de melhor lidar com a solidão que nos visitava, e quem sabe nutrir ou mesmo estreitar laços afetivos.

Eu não conhecia muito bem o formato de *podcast*, mas me pareceu que se adequava ao contexto e às possibilidades que o momento estabelecia. *Podcasts* permitem o acesso e o compartilhamento de forma razoavelmente fácil entre as pessoas, já que costumam ser mais leves em termos de demanda de conectividade. Também, como lembram Fleischer e Manica (2020), envolvem em geral baixos custos de produção e difusão, são mais acessíveis a pessoas com deficiência visual e iletradas, além de descansarem o olhar nestes tempos de excesso de telas. Imaginei, então, a criação de um podcast.

O Poéticas Sociais, anterior ao Sensibilidades Antropológicas, foi ao ar entre maio e dezembro de 2020. Os episódios mensais, construídos em parceria com o amigo e colega de trabalho Márcio Ferreira de Souza, trouxeram textos literários

que versavam sobre temas como isolamento/recolhimento, tempo, modos de percepção e presença, afetos, saudade e silêncio⁴.

Conto sobre o Poéticas Sociais porque, de fato, ele figurou como uma espécie de berço de águas que, navegadas, me fizeram encontrar, numa curva de rio adiante, o Sensibilidades Antropológicas. Pois além de a experiência ter me possibilitado o contato renovado e prazeroso com a produção sonora, as temáticas abordadas e todo o contexto daquele momento apontaram-me meus próprios afetos. Em meio a tantas despedidas, percebi que era importante fazer também as minhas. E percebi que poderia falar agora sobre as experiências de campo de forma mais livre dos constrangimentos associados a trabalhos acadêmicos. Também, de modo a ressaltar as formas sensíveis de experimentar uma pesquisa e as relações que estabelecemos em sua construção.

Como disse no início do texto, não é por acaso que essa espécie de retorno e despedida do campo etnográfico esteja se dando a partir das ondas sonoras e das imagens que compartilho a cada episódio. A meu ver, a possibilidade de acionar minha voz e as de interlocutories, seus timbres e tons, também gravações de paisagens sonoras da região, retomar o contato com diferentes imagens, em suas cores e formas, além de recriar muitas lembranças, isso tudo é uma forma vivaz de visitar novamente as imediações do córrego do Machado, onde realizei a pesquisa. E então, poder sair de lá em meu próprio tempo, a partir da despedida que me dispus realizar.

Para ser um *podcast*, ou seja, ter um caráter público, considere importante que, nesse processo, as questões de que trato não se resumissem a uma experiência pessoal, mesmo que partissem dela. Assim, vou tecendo considerações sobre determinados temas ou acontecimentos de forma a buscar ressonâncias mais amplas e próximas às vidas de outras pessoas. Essa atenção se dá especialmente ao tratar dos processos de realização de uma pesquisa etnográfica, as relações com interlocutories, a escolha de temas... o intuito é tentar contribuir para a lida de outras pessoas em suas próprias pesquisas ou estudos, considerando a audiência de estudantes da área, ou outres, interessades em pesquisas de campo, antropologia, etnografia.

4 O *podcast* integrou a vasta programação do projeto de extensão “De quarentena com o Incis”, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), criado em meados de 2020. Para conhecer o podcast, acesse: <https://poeticasdaterra.org/projetos/poeticas-sociais/> ou Poéticas Sociais <https://open.spotify.com/show/5vhBPYoPu6VvHRCWYuUKIX>.



Imagens registradas na casa de D. Antônia Alves, velha cantadeira e querida interlocutora da pesquisa. Autoria: Valéria Martins.

Pois bem, o *Sensibilidades Antropológicas* é então um *podcast* voltado aos meandros da pesquisa etnográfica em suas múltiplas sensorialidades. A primeira temporada, que realizo no momento e figura como a despedida que mencionei, teve início em março de 2021 e ainda não sei quando terá fim.

Em relação ao formato e periodicidade dos episódios, eles são mensais e têm curta duração: em torno de dez minutos. Iniciam-se com uma apresentação da temática daquela edição e uma breve contextualização relativa a outros episódios. Essa fala inicial, que algumas vezes ocupa parte razoável do episódio, tem um caráter mais informativo. A ideia é justamente que ela concentre um caráter fático para que na segunda e última parte do episódio eu possa trazer o tema de forma mais lúdica, livre e poética.

A segunda parte conta com trilha sonora, que pode ser simplesmente o som de pássaros ou de um rio, conforme o tema. Às vezes, ela mesma se constitui em uma trilha, como no caso do episódio 5, de julho de 2021, que trazia uma série

de trechos de canções registradas no decorrer da pesquisa para compor uma espécie de paisagem musical da região: a música que tocava no rádio, outra cantada ao redor de uma fogueira, o som da sanfona e outros instrumentos na ocasião da Queima do Judas no vilarejo de Machado⁵...

Nessa parte poética, digamos assim, também já trouxe, por exemplo, uma carta sonora a um querido e já falecido interlocutor da pesquisa, o cantador e contador de histórias Manoel Maceda (episódio 3⁶), bonitas falas de interlocutores (episódio 4⁷), e no episódio 6, de agosto de 2021, quatro pequenos textos, relacionados entre si e situados em diferentes momentos em relação a uma noite de Nove, o rito de música e dança que estudei⁸. Estes textos foram construídos a partir de acontecimentos que se deram no decorrer da pesquisa, e criei, para o podcast, a sequência em que aparecem: um deles se passa antes do rito, dois durante o Nove e o último, no dia seguinte.

Como comentei, quando estávamos na primeira estação deste caminho que agora trilhamos, esse rito é também chamado de brinquedo ou brincadeira. Talvez com essa inspiração eu queira brincar um pouco com a forma como apresento os temas. A “brincadeira” aqui consiste em experimentar palavras, tons de voz, trilhas sonoras, tempos de silêncio na edição ou mesmo repetições, seguidas, de trechos de falas, como no episódio 4, em que trouxe frases que ouvi em campo. Trata-se assim de uma experimentação: um experimento de brinquedo.

Sobre a escolha e sequência de temas na temporada, fiz um levantamento de possíveis temáticas, mas não um planejamento de todos os episódios, seguidamente. Muitas vezes, é a partir de um episódio que vem a inspiração do seguinte. Ela também pode vir de acontecimentos ou questões prementes: a discussão sobre a absurda ideia de um marco temporal em relação à demarcação de terras

5 O episódio “Cantos dos lugares: paisagens musicais” pode ser acessado aqui: <https://poeticasdaterra.org/cantos-dos-lugares-paisagens-musicais/>

6 “Carta sonora ao Sr. Manoel Maceda”, acessível em <https://poeticasdaterra.org/carta-sonora-ao-sr-manoel-maceda/>

7 “Breves anotações de um falar poético: o que ouvi em campo”, acessível em <https://poeticasdaterra.org/breves-anotacoes-de-um-falar-poetico/>

8 Intitulado “O brinquedo do princípio do mundo”, o episódio pode ser acessado aqui: <https://poeticasdaterra.org/o-brinquedo-do-principio-do-mundo/>

indígenas me inspirou a criar um dos episódios, voltado especialmente ao tema da terra e sua presença na cosmologia e ontologia naqueles arredores⁹.

Em relação ao processo de elaboração e produção dos episódios, apesar de ser um tanto solitário, conto com a importante presença e parceria do amigo e ex-colega de graduação Leobaldo Prado, profissional em produção de áudio que faz a masterização dos episódios, e também de uma estudante de graduação, que faz a montagem dos arquivos com a versão escrita do episódio.¹⁰ Com estes arquivos em texto, queremos facilitar ou mesmo possibilitar o acesso de pessoas com deficiência auditiva ao podcast. Tanto eles quanto as imagens selecionadas para cada episódio ficam disponíveis no sítio eletrônico Poéticas da Terra¹¹.

Em termos de sequência de etapas na realização de cada episódio, seguimos em geral desse modo: redação do texto; gravação¹²; escolha de trilha sonora; edição¹³; envio do texto e episódio editado para produção da versão escrita; envio do episódio editado para masterização; e então a etapa de escolha de imagens que vão acompanhar a publicação do episódio no sítio eletrônico Poéticas da Terra, além da imagem associada ao episódio em agregadores de podcasts. Finalmente, a publicação e a divulgação. Como etapas de um processo, elas têm impacto umas nas outras, o que pode alterar o fluxo citado: com a gravação, por exemplo, posso modificar algum trecho do texto que havia escrito por considerar que, na fala, ele ficaria melhor de outro modo.

9 O chamado marco temporal, que tem sido discutido no âmbito do Superior Tribunal Federal, quer estabelecer a demarcação de terras indígenas somente para territórios ocupados por estes povos quando da promulgação da Constituição Federal em 1988. Assim, na medida em que desconsidera que grande parte destes territórios não estavam ocupados pelo fato de os povos indígenas terem sido violentamente expulsos deles, o marco temporal serve como mais um instrumento de massacre histórico das populações indígenas já que, além de interromper processos de demarcação em curso, anula os que já foram estabelecidos e estão judicializados.

10 Entre março e outubro de 2021, o trabalho foi feito por Vitória Brasileira, estudante de Artes Visuais, e a partir de então é realizado por Marcela Lima, graduanda em Ciências Sociais.

11 O sítio eletrônico Poéticas da Terra abarca uma série de referências e materiais relativos a projetos e pesquisas em Antropologia que priorizam a sensibilização para a diferença por meio do acionamento de dispositivos como fotografias, filmes, desenhos, músicas, elaborações sonoras, escritas etc. Criei-o a partir da impossibilidade, devido à pandemia do covid-19, de seguir com o projeto de extensão Antropologia com crianças. Para conhecer, acesse <https://poeticasdaterra.org/>

12 Realizada a partir de um gravador digital de áudio que eu havia adquirido há alguns anos (H2n - Zoom).

13 A edição se dá pelo *software* livre Audacity.

Pois bem, esses são os elementos que têm composto paisagens dos caminhos desta nova e ao mesmo tempo velha viagem pelo Jequitinhonha. E assim vou seguindo pelas trilhas, também sonoras, do Sensibilidades Antropológicas.

Sons de despedida: a última estação?

Ainda não tenho certeza se o *podcast* terá continuidade após o fim da primeira temporada. Talvez ele tenha sido criado para isso, não posso dizer.

O que posso afirmar é que o Sensibilidades Antropológicas tem sido uma grande oportunidade tanto de reviver e reelaborar experiências quanto de conversar com es interlocutories e ainda outras pessoas que conheciam bem pouco da região e estão se interessando por ela. Ou que são tocadas especialmente pelas questões relativas a pesquisas e à Antropologia. Às vezes, a sensação que tenho é que recebo todas elas em um grande quintal cheio de árvores, afetos e memórias que vamos reconstruindo juntas, e refazendo, como frutos novos.

Talvez, por trás da fachada das estações, o que exista é este amplo quintal em suas múltiplas relações, sempre renovadas: a estação, de fato, de onde partimos, e onde chegamos.

Referências

- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161.
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. *Boletim da ANPOCS. Cientistas Sociais*, n. 78, 2020.
- MARTINS, Valéria C. de Paula. *Um etnografia do Nove*: brincadeiras de viola em Machado e arredores (MG). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- MARTINS, Valéria C. de Paula. *O Brinquedo do princípio do mundo*: música, dança e socialidade no córrego do Machado (Médio Jequitinhonha). Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.